
Entrevistado/a: João Gabriel Rocha Dilkin

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 8 de Maio de 2025

Local: Marmita Solidária – Estância Velha

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória pessoal e envolvimento comunitário

João Gabriel Rocha Dilkin, tem 24 anos, é morador de Estância Velha, e relembra a sua atuação na criação e coordenação do projeto Marmitas Solidárias durante as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em abril e maio de 2024. Com uma experiência prévia na vida pública como vereador no período de (2021–2024) e participação ativa em organizações sociais, como o Lions Clube, ele destaca que o engajamento comunitário sempre fez parte de sua trajetória.

A mobilização durante as enchentes de 2024

João relata que as enchentes de 2024 foram mais impactantes em relação a enchentes anteriores, porque atingiram todo o estado. Embora Estância Velha não tenha sido diretamente afetada, ele explica que a cidade se tornou um ponto estratégico de apoio. Diante da percepção de que as ações de arrecadação de doações, a exemplo do que havia sido realizado em outros episódios não atendiam às necessidades das populações desabrigadas, especialmente pela falta de condições para preparo de alimentos, surgiu a ideia de produzir e distribuir marmitas prontas.

Surgimento do projeto Marmitas Solidárias

O projeto Marmita Solidária, nesse sentido, foi idealizado de forma espontânea, inicialmente sem qualquer expectativa de crescimento. A partir de um pequeno grupo de amigos e do apoio da comunidade local, especialmente da OASE de Estância Velha, o projeto rapidamente se estruturou, funcionando de forma ininterrupta por cerca de 30 dias. O espaço tornou-se um ponto de mobilização, reunindo voluntários de diferentes crenças, idades e áreas de atuação.

O funcionamento e a adesão comunitária ao projeto Marmitas Solidárias

João descreve a rápida ampliação da iniciativa, que passou de uma previsão inicial de poucas centenas de marmitas para a produção de aproximadamente 73 mil marmitas, distribuídas em cerca de 10 a 12 municípios, além do atendimento a abrigos locais. Destaca a organização da cozinha, a divisão espontânea de tarefas, o envolvimento diário de dezenas de voluntários fixos e o uso de mensagens escritas nas embalagens como marca simbólica do cuidado e da humanização da ação.

Dignidade e dimensão afetiva

A experiência de distribuição direta dos alimentos, especialmente em municípios fortemente atingidos como São Sebastião do Caí e São Leopoldo, é relatada como profundamente impactante do ponto de vista emocional e social. O entrevistado ressalta que pequenos gestos, como o fornecimento de talheres e mensagens de apoio, foram percebidos pelos atingidos como sinais de dignidade e atenção em meio à devastação.

Aprendizados e percepção da experiência

Ao refletir sobre o encerramento do projeto, João aponta o esgotamento físico dos voluntários e o retorno gradual à rotina como fatores determinantes. Avalia a experiência como um marco pessoal e coletivo, destacando a palavra “amor” como síntese do vivido, por compreender que ela engloba solidariedade, gratidão e compromisso com o outro. Finaliza enfatizando que situações de desastre tendem a se repetir e que a solidariedade deve ser uma prática contínua, não restrita apenas a momentos de crise, reforçando a importância do engajamento comunitário como forma de recomposição social.